



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

# YORUBÁ E A ESTÉTICA DA LUTA!

Juliana Soares, Maria Escarlata Pereira, Amanda Motta Castro

Universidade Federal do Rio Grande - [motta.amanda@terra.com.br](mailto:motta.amanda@terra.com.br)

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo principal fazer um reflexão tendo como ponto de partida a experiência realizada na disciplina de práticas educativas e comunitária – PEEC, no curso de licenciatura em Educação do campo da Universidade Federal do Rio Grande, localizada no extremo Sul do Rio Grande do Sul. O trabalho foi realizado em duas etapas: a primeira, no primeiro semestre de 2017, teve como principal mote a construção do projeto nominado MENE que visa para criar peças com pessoas negras, ícones na luta contra o racismo. A segunda etapa ocorreu no segundo semestre de 2017 com o objetivo principal de realizar intervenções na comunidade, apresentando o artesanato desenvolvido e problematizando através de rodas de conversa em instalações científicas, e discutir as questões sobre racismo, mulheres e resistência. Neste texto apresenta reflexões sobre a segunda parte do projeto que foi realizada a partir de intervenções na comunidade. A experiência realizada junto às escolas públicas da educação básica, universidade e comunidade foi positiva e abriu o diálogo importante sobre racismo e resistência. Aliando prática e teoria, o grupo de mulheres estudantes/artesãs trabalham na perspectiva dos Estudos feministas e da Educação Popular na qual a história está sendo feita por cada uma de nós e que as transformações sociais viram!

**Palavras-chave:** Mulheres negras, artesanato, estudos feministas, educação popular.

## Palavras iniciais

O presente texto tem como objetivo principal fazer um relato de experiência realizada na disciplina de práticas educativas e comunitária – PEEC, no curso de licenciatura em Educação do campo. O trabalho foi realizado em duas etapas: a primeira, no primeiro semestre de 2017, teve como principal mote a construção do projeto para criar peças com mulheres negras.

Para iniciarmos o texto, localizamos nosso lugar de fala: mulheres negras, pertencentes à classe trabalhadora:

O que é lugar de fala e como ele é

aplicado no debate público, pensar que o lugar de fala é uma postura ética, pois saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo.”  
(RIBEIRO, 2017, p. 84)

A ideia do projeto MENE<sup>1</sup> nasceu especificamente de diálogos entre um grupo de amigas negras, militantes do movimento negro de São Lourenço do Sul, município localizado no sul do Rio Grande do Sul, e se aprimorou

1 “Mene em Yorubá significa nunca estar só”. Assim, o Grupo nasce da necessidade de emprego e renda, além da necessidade de um grupo político a favor da igualdade racial. Após a entrada na Universidade pelas ações afirmativas, as “cotas” do Governo Federal, duas

estudantes negras quilombolas do curso de licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, se viram desempregadas e sem renda. Nesse contexto, a partir da PEC, foi criado o MENE.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

durante a PEEC. A segunda etapa do projeto, que será apresentada aqui, foi realizada durante o segundo semestre de 2017.

O objetivo principal dessa etapa foi realizar intervenções na comunidade, apresentando o artesanato desenvolvido e problematizando através de rodas de conversa em instalações científicas, e discutir as questões sobre racismo, mulheres e resistência. A experiência realizada junto às escolas públicas da educação básica, universidade e comunidade foi positiva e abriu o diálogo importante sobre racismo e resistência. A intervenção no MENE junto às escolas foi de extrema importância, pois o MENE abriu a possibilidade para um diálogo pouco presente nestes espaços: o racismo.

O racismo é pouco discutido na escola. Fato este que se deve à falácia de que no Brasil vivemos uma dita democracia racial o que não é verdade (RIBEIRO, 2017). Desta forma, a discussão sobre o racismo nas escolas, quebra, sobretudo, o silêncio das experiências das populações negras:

No processo de resistir, o primeiro movimento parece ser o rompimento do silêncio, quando o narrador conta sua história de dor e violência. A partir dessa troca, já que o contar de sua própria história implica sempre

uma audiência, é possível a reconstrução da própria história, a partir de cacos do passado. Falando sobre a discriminação e submissão, as mulheres percebem o quanto elas lutam e puderam se orgulhar de si mesmas na identidade negra. (OLIVEIRA, 2009, p. 1)

Assim, é incrível pensar sobre a maneira pela qual o próprio sistema nos manipula: lembramos de nós, ainda crianças, e das bonecas velhas que ganhávamos das crianças vizinhas, que não queriam mais fazer uso das mesmas, porque realmente já estava na hora de descartá-las. E acabavam por descartá-las nas nossas casas. Ficávamos felizes, radiantes e agradecidas. Até aí tudo bem, pois éramos crianças e só queríamos brincar.

Mas há pouco tempo conversávamos sobre o quanto nós queríamos ser como aquelas bonecas: brancas, cabelos compridos e olhos claros. Isto porque, se fôssemos assim, automaticamente estaríamos no padrão de beleza que a sociedade exige e seríamos mais aceitas. Infelizmente, fomos nos dar por conta disso só com o passar do tempo.

Essa negação que tínhamos com a nossa própria raça se deve à falta da representação de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

nossa imagem em tudo o que nos rodeava. E não nos referimos somente à boneca, mas a várias outras coisas: na escola, nunca tivemos docentes negros (as). Você que nos lê lembra-se de ter alguma professora ou professor negro na escola? Na maior parte das vezes, chegávamos a ser as únicas negras entre os nossos colegas de classe. Além disso, os materiais escolares eram todos com crianças brancas e com olhos claros.

Na nossa comunidade quilombola, tirando os quilombolas que nela moravam, a população negra era quase inexistente na redondeza. Na igreja em que frequentávamos, até a Nossa Senhora Aparecida, que, segundo o conhecimento popular é negra, foi nos apresentada como branca. E os meios de comunicação não fugiriam à regra: as protagonistas das novelas eram brancas, bem como a maioria dos atores e atrizes da televisão que assistíamos.

E no que dizia respeito à moda, não poderia ser diferente. As roupas eram confeccionadas para modelos de pele clara, e outra vez a pele negra era obrigada a usar o que o sistema comercial e midiático oferecia. O que sentimos e que aqui estamos tentando sistematizar é que é muito desagradável se sentir fora do contexto, de nunca estar em evidência. Deste modo, fica difícil se sentir motivado quando não se tem em quem se inspirar.

Atualmente, o comércio da região sul ainda oferece pouca alternativa de escolha: são mais ou menos três ou quatro exemplares de tecidos, em loja de grande porte, para confecção de artesanato ou roupa. Assim, temos que novamente nos adaptar ao que o sistema oferece. Conforme Bento:

A violência racial constitui um constante ataque as identidade e subjetividades dos excluídos, por meio da veiculação de um discurso que estabelece o padrão cultural dominante, capitalista, branco e andrógino, ao qual a população negra é constantemente pressionada a se adaptar e moldar... (BENTO, 2002, p. 44)

Na atualidade, a situação da mulher negra no Brasil se manifesta, com poucas mudanças, como um prolongamento da realidade vivida no período da escravidão, pois aquela continua em último lugar na escala social, é a que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. (DAVIS, 2017b)

Pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta o menor índice de escolaridade e trabalha mais, porém, com rendimento menor. E as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado matrimonial. (SILVA, 1999).

Além disso, ressaltamos as palavras de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (2005): “a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar’.” (FREYRE, 2005, p. 71-72). É impressionante como os escritos de Freyre, publicados inicialmente em 1933, nos parecem extremamente atuais.

Isto posto, compreendemos o desafio de onde estamos “nos metendo”, porque, as bases do racismo estão muito bem alicerçados na sociedade brasileira.

### **MENE: A primeira parte do projeto!**

Conforme apontamos na introdução, a primeira etapa do projeto foi pensar a idéia e sistematizar a escrita do projeto, e esse movimento aconteceu no primeiro semestre de 2017.

A ideia de criar peças com mulheres negras nasceu especificamente de um grupo de amigas negras, militantes dos movimentos sociais com assuntos relacionados à negritude. Em uma conversa aberta, começamos a debater a pauta que se relaciona à mulher negra, já que é a realidade que vivenciamos no nosso cotidiano.

Logo, o artesanato tornou-se importante e indispensável pela necessidade que temos de manter viva a nossa história de resistência. Nós, mulheres negras, queremos manter esta essência de luta, resistência e criação viva. Devido a estes fatores é que devemos, queremos fazer e divulgar, através do artesanato, a nossa luta e resistência. Queremos resistir e podemos gerar emprego e renda através do nosso trabalho artesanal, possibilitando a projeção de esperança e, portanto, de possibilidades de reinvenção do cotidiano e do coletivo.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 54 % da população brasileira é composta por pessoas negras ou pardas. Da totalidade da população negra, 27% são mulheres. Dentro desta perspectiva, deveríamos estar ocupando mais espaço nos locais de trabalho.

Podemos analisar ainda melhor essa desigualdade quando tratamos especificamente da mulher negra. A discriminação da mulher negra é visivelmente marcada no mercado de trabalho. Quando lhe é concedida uma vaga de trabalho, tal vaga geralmente é para trabalhos relacionados à limpeza, mais mal remunerados, ligados ao cuidado e como “extensão do trabalho doméstico”, os quais socialmente são tidos como menos “importantes” na escala da sociedade de classe.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Seguindo nessa mesma linha, podemos ver que nós, mulheres negras, estamos na em grande parte ocupando essas vagas de trabalho em serviços domésticos, muitas vezes informalmente, com longas jornadas de trabalho. Tal fato nos impossibilita a oportunidade de poder estudar e, por conseguinte, ascender profissionalmente, como Saffioti denunciava já na década de 1980 e que hoje ainda segue atualíssimo:

Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. (SAFFIOTI, 1987, p. 48)

Na sociedade patriarcal, classista e racista em que vivemos, vemos pouco a mulher na posição de protagonista. Se a sociedade torna a vida das mulheres difícil, podemos imaginar que é bem pior para a mulher negra. Segundo Angela Davis (2017b), as mulheres negras das classes trabalhadoras vivem um tríplice

preconceito por ser mulher (em uma sociedade patriarcal), negra (em uma sociedade racista) e da classe trabalhadora (em uma sociedade classista).

Para estas, as oportunidades, na maioria das vezes, passam longe. Pode-se dizer que são quase inexistentes. De acordo ainda com Davis, “As mulheres da classe trabalhadora e aquelas racialmente oprimidas confrontam a opressão sexista de um modo que reflete as interligações objetivas reais e complexas entre a exploração de classe, a opressão racial e a supremacia masculina” (DAVIS, 2017b, p. 140)

As mulheres negras, por mais que se esforcem para se destacarem e serem visibilizadas socialmente, dificilmente serão citadas ou vistas em destaque. Hoje podemos perceber que isso se deve à maneira pela qual nós, mulheres, fomos criadas e educadas para sermos submissas: primeiramente, no âmbito familiar, ao pai; sucessivamente, como esposa, ao marido. Desta maneira, a lógica se estende ao patrão, no âmbito do trabalho.

Muitas de nós mulheres ainda não conseguiram sair desse processo de inércia e tomar as rédeas de suas próprias vidas. É um processo que varia de mulher para mulher, até porque somos únicas e devemos respeitar o limite de cada uma. Mas é de suma importância que também se dê suporte e oportunidades para que isso aconteça, conscientizando as outras



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulheres de que, se nós não fizermos este movimento, ninguém o fará por nós. Trata-se de uma luta árdua e constante, mas que se faz necessária.

Portanto, compreendemos que a história está sendo feita por cada uma de nós e que as transformações sociais virão!

Desta maneira, o artesanato tornou-se importante pela necessidade que temos de manter viva a nossa história: desde a nossa chegada ao Brasil, de forma escravagista, até nossas formas de resistências, expressas através da arte, religião e costumes.

Nós, mulheres negras, queremos manter esta essência viva, e, por isso, estamos trabalhando especificamente com a confecção de bolsas e customização de camisetas, que possuem estampadas imagens de mulheres e também homens negros, sendo, alguns desses ícones importantes.

Isto é, são imagens de mulheres e homens que fizeram ou fazem parte da luta contra o racismo e pelo o direito de igualdade. Ademais, usamos também frases reflexivas, para instigar quem as leia. Desta forma, enaltecemos também nossos líderes que doaram parte de sua vida, ou até mesmo a sua própria vida, para a construção de um Brasil e/ou um mundo igualitário e justo. E personalidades do passado e do presente são citadas, como: Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Maria Felipa, Nelson Mandela,

Martin Luther King, Nina Simone, Ângela Davis, Bob Marley, dentre outros tantos, tentando fazer com que as pessoas tenham conhecimento da nossa cultura.

É importante que nossa cultura seja identificada e vista nas ruas, sendo ela em forma de monumento ou até mesmo em um banner exposto nas escolas, e ou qualquer outro espaço público, para que todos e todas tenham conhecimento, independente da etnia com a qual se identificam.

É comum que se veja, socialmente, figuras expressivas de outras etnias representadas através de artes e pratos típicos em atividades festivas, mas ao se tratar das manifestações originárias de Quilombolas, as possibilidades de representação em determinados locais já são mais restritas.

Devido aos fatores anteriormente mencionados é que devemos e queremos fazer e divulgar ao mundo, através da arte, que vamos resistir! E desejamos que futuramente seja possível gerar emprego e renda através do nosso trabalho artesanal.

### **MENE: A segunda parte do projeto, as Rodas de conversas**

Conforme apontamos na introdução, a segunda etapa do projeto se realizou através de intervenções no município de São Lourenço do Sul, a partir de roda de conversa nas escolas, bem como instalação com a mostra do



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

artesanato. Esse movimento aconteceu no segundo semestre de 2017.

Para pensarmos a importância dessa etapa, devemos ressaltar que o sistema começa a oprimir as crianças negras no momento em que ingressam na vida escolar. Neste contexto, em nenhum momento, conseguem se enxergar como iguais aos não negros, pois nitidamente a diferença é notória. Por parte do ensino, isso se dá de tal maneira que os professores não demonstram interesse em resgatar a história de seus ancestrais como pessoas livres e dotadas de títulos como: príncipes, princesas, reis e rainhas. Mas só reproduzem a história de um povo que foi escravizado e jogado às margens. E é mister pensar em como isso se reflete nas vidas das pessoas negras até os dias de hoje, pois os levam a crer que as poucas vezes em que lhes ofertam uma oportunidade, estão fazendo-lhes um favor, e que os negros devem ser-lhes gratos.

Nesta etapa do projeto, a primeira Roda de conversa aconteceu na Escola Estadual Machado de Assis, com estudantes de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. Nesta escola fomos bem acolhidas desde o primeiro contato com a equipe diretiva, que se mostrou interessada ao tomar conhecimento da temática que gostaríamos de trabalhar, pois reconhece que é de suma importância que ocorra essa discussão no ambiente escolar, fomentando o

processo de construção de sujeitos também através da educação formal.

A primeira ação com a turma de estudantes foi a formação de um círculo roda de conversa, e, na sequência, propomos uma apresentação sucinta de cada um presente, para que pudéssemos nos aproximar um pouco mais e fosse propiciado um clima de aconchego. Em seguida, fizemos a exposição do nosso artesanato junto aos questionamentos: Qual eram suas concepções em relação ao nosso artesanato? O que exatamente nos artesanatos que lhes chamou a atenção? O que diferenciava aquele tipo de artesanato dos demais? Era comum avistarem nos comércios locais artesanatos relacionados à negritude?

Assim, surgiram as primeiras opiniões em meio a um misto de timidez e receio de estar estar opinando em um projeto já concretizado. Mas, aos poucos, foram se sentindo à vontade para falar, relataram que não era comum verem em artesanatos imagens de negro(a)s estampados. Foi então que indagamos o porquê daquelas imagens no artesanato não serem simplesmente imagens escolhidas aleatoriamente e sim de grandes ícones pela luta em prol dos direitos dos negros e contra o racismo que nos assombra até os dias de hoje. Em relação a isso, foi-se refletido acerca do comércio local, se haveria mostra dessa temática. E a resposta foi unânime de que



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

não há artesanato para venda nessa perspectiva em relação a negritude.

Após a rodada de apresentações, convidamos os estudantes a uma conversa informal sobre o racismo e suas mazelas. A provocação inicial se deu com uma pergunta lançada aos estudantes: quem se auto declara negro? Diante da pergunta, menos da metade dos negros e ou negras presentes se auto declararam negro ou negra, apesar de termos notado o desconforto de estudantes negros que não se auto declaram. Não apontamos algo sobre isso, mas indagamos sobre “o que é ser negro?”. Foi então que a conversa fluiu e houve várias respostas: “sou negro porque meu pai é negro”; “sou negro porque minha vó é negra”, “sou negra porque minha irmã é negra”, plantando a semente da reflexão nos que ainda não tinham se auto declarado.

Seguimos o diálogo, fazendo mais uma provocação: “alguém aqui já sofreu racismo e ou já presenciou alguma situação de racismo, inclusive aqui na escola?” E a resposta de negação soou imediatamente. Foi então que começamos a conversar sobre a estrutura de nossa sociedade, apontando para a representatividade, sobre o quanto o sistema social invisibiliza nossos rostos negros na sociedade, especialmente no ponto de vista geográfico e profissional, restando tal representação nas periferias e profissões de baixa remuneração.

Colocamos na roda situações vividas ou vivenciadas por nós, onde o racismo ocorreu de maneira explícita a nosso ver. Mas, até então, para eles as situações eram vistas como normais. Entretanto, no enlace das palavras, através de relatos muito semelhantes aos dos estudantes, os mesmos foram dando-se de conta de que muitas vezes o ato racista não necessariamente ocorre de maneira nítida, como nos poucos casos expostos na mídia.

Apesar desta escola possuir muitos estudantes negros por estar localizada em uma periferia, mais uma vez constatamos o quanto a estrutura educacional do nosso país não contempla a comunidade negra, pois há uma carência de diálogos em torno das pautas que discutam sobre a real condição dos negros em nosso país, e supomos que esse déficit esteja barrando o processo de conscientização e empoderamento dos estudantes negros. O corpo docente, por exemplo, não possui um(a) representante negro(a), logo os estudantes se sentem “estrangeiros” em sua escola, mesmo estando localizada em um bairro onde possivelmente a maioria dos moradores são negros.

Estar com estes estudantes nesta escola foi mais um daqueles momentos em que relembramos o nosso árduo processo de conscientização. Compartilhamos relatos semelhantes e inusitados, revivemos dores, nos





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

emocionamos, mas também sorrimos e falamos de amores.

Ao final desta atividade ficou em nós o sentimento de “estamos longe e perto” da falsa libertação dos negros escravizados. Longe no sentido de tempo, e perto no sentido de condição social. Mas também fica em nós o sentimento de gratidão por podermos estar nestes espaços como estimuladoras para o questionamentos acerca da negritude, compartilhando conhecimento e nossas vivências.

A segunda Roda de conversa aconteceu na Escola Estadual Machado de Assis com estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental. Nessa tarde, o encontro se inicia com uma recepção calorosa por partes dos estudantes e das professoras, pois as crianças estavam eufóricas pela nossa espera. Isto se deve ao fato que uma das professoras tem um perfil de didática inclusiva, a mesma defende uma postura de que os educadores devem ter como compromisso o trabalho em prol da inclusão das minorias. Ela salienta ainda que trabalha as pautas relacionadas à negritude no decorrer do ano, especificamente porque há um número considerável de alunos negros em sua classe. Assim, identifica-se e tem a consciência de seu compromisso como educadora.

O fato de a professora abordar o racismo constantemente, propiciou um clima de naturalidade para conversarmos com as crianças. Bastou sentarmos ao redor deles, fazermos o convite para a conversa e apresentarmos o artesanato que eles já se colocaram a postos para o bate papo. Já no início da conversa foram tantas palavras de repúdio ao racismo por parte dos pequenos, que não houve como não lembrar do nosso grande líder Nelson Mandela, quando este diz que “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar”.<sup>2</sup>

Assim, fizemos algumas provocações para fomentar a conversa. Todos queriam participar e relataram situações de racismo que vivenciaram e nos fizeram muitas perguntas, ansiosos por respostas. Ao serem questionados a respeito da auto declaração, o trabalho da professora ficou visível, pois a grande maioria dos pequenos se auto declarava negro com fervor, e os colegas não negros se dirigiam e falavam com eles com sentimento de igualdade e respeito.

Perguntamos a eles sobre a ausência de representatividade negra na mídia (desenhos

---

<sup>2</sup> MANDELA, Nelson. Principais fases de Mandela. Disponível em <<https://www.nelsonmandela.org>> Acesso em janeiro de 2018.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

animados), no trabalhos de seus pais e suas mãe e nos esabelecimentos comercias da cidade (São Lourenço do Sul), bem como questionamos junto a eles o fato de não terem nenhuma professora negra na escola. As repostas vieram após uma rápida viagem: “é mesmo não tem professor negro, só as tias da merenda”, “no trabalho do meu pai é só ele de negro”, “lá to trablho da minha mãe não tem negro”. Ao tentarem lembrar de personagens negros de desenhos animados, logo sentiram-se desapontados ao perceberem que são raros os personagens negros neste universo que aguça o mundo da imaginação.

Tambem levamos conosco algumas bonecas negras, entre elas a boneca abaomi, que é um simbolo de resistência para o povo negro, sobre a qual contamos a historia da origem. Ficaram muito encantadas ao saber que mães negras, encarceradas nos porões de navios negreiros, cortavam pedacos de suas próprias vestes para confeccionar as bonecas para entreter suas filhas e, com isso, tentar minimizar o sofrimento de suas pequenas.

A conversa foi muito animadora, pois nos proporcionou momento de troca de saberes com os pequenos de uma maneira que não pensávamos que poderia acontecer devido à sua pouca idade. Isto nos inspirou muito enquanto futuras educadoras e renovou nossa esperança para seguir na luta.

A terceira Roda de conversa aconteceu na Escola Municipal Vicente Di Tolla com estudantes de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental.

Nesta escola, chegamos com mais intimidade pelo fato de já desenvolvermos junto a algumas professoras um trabalho de conscientização e empoderamento em relação ao racismo e feminismo, problematizando algumas questões de racismo expostas pela mídia bem como vivenciadas na própria escola e na comunidade.

Houve a apresentação do artesanato e de sua importância para artesãs negras como um agente de resgate e afirmação da cultura negra, elevação da autoestima e geração de renda. Além disso, a presença da figura de ícones da luta e resistência negra estampados nos artesanatos que permitiam que esses estudantes se “exerguem” representados nos produtos artesanais, fez com que desencadeássemos várias questões e questionamentos relacionados à exclusão do povo negro na sociedade.

Os estudantes relataram o seus sentimentos em relação ao racismo, demonstraram rejeição ao racismo, porém questionaram o porquê da ausência da representatividade negra nos espaços, especialmente na mídia. As professoras presentes na roda contribuíram com relatos de trabalhos e atividades desenvolvidas com os



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

estudantes e comunidade escolar no decorrer do ano, com o intuito de minimizar a desigualdade racial e conscientizar os estudantes enquanto sujeitos de direito tais quais seus colegas não negros.

Nessa mesma escola, também tivemos a oportunidade de estarmos conversando com a turma de EJA. Essa turma em especial nos chamou a atenção devido à diversidade dos estudantes, por começar desde a alfabetização e ir até o término do Ensino Fundamental, e dentre os estudantes, cada um com suas especificidades. Quando iniciou-se a rodada de apresentações, demonstraram-se surpresos em ouvir falar que éramos quilombolas-do interior de nosso município, pois, assim como tantos habitantes aqui de nossa cidade, desconhecem o fato de que há quilombos no interior (zona rural).

Inicialmente fomos indagadas com os questionamentos de por que nos declararmos quilombolas; se nós permanecíamos morando no Quilombo até os dias de hoje e se com a nossa saída do quilombo poderíamos ainda ser consideradas quilombolas. Então procuramos responder a todas as indagações de forma sucinta para que eles tivessem uma melhor compreensão em torno dos termos “Quilombo e Quilombolas”.

Explicando primeiramente o que seria um quilombo, começando a relatar desde o sequestro dos negros livres na África, que

foram trazidos para o Brasil para serem escravizados; a dos que conseguiram chegar até aqui vivos e não aceitaram essa condição e suicidaram-se; e a dos que permaneceram na luta, se mativeram vivos e se articularam para que, de alguma forma, pudessem ficar livres aqui nessa terra desconhecida, e que estrategicamente procuraram por lugares de difícil acesso para que pudessem ter uma visão privilegiada, para, se caso fossem descobertos, terem tempo para preparar a fuga.

São esses lugares Quilombos. E, a partir disso, um dos estudantes se manifestou e falou sobre o Quilombo dos Palmares, citado nos livros de história. Seguindo a linha, quilombolas eram os negros e negras que se refugiavam nesses quilombos. E com o passar dos anos, depois da dita “libertação dos escravos” muitos desses negros continuaram a viver nesses locais, e os demais foram jogados às margens, já que não era do interesse do país e dos senhores de engenho pagarem pela mão de obra dos negros.

Um século depois, o governo federal, como forma de reparação aos descendentes desses negros e negras que foram vítimas da escravidão, decretou uma lei que regulamenta o processo de identificação dessas terras ocupadas por esses quilombolas, que são os nossos quilombos atuais, situados a maioria na zona rural. Entretanto, há também os



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

quilombos de zona urbana, localizados por todos os estados do Brasil.

Nós pertencemos ao Quilombo Coxilha negra, que está localizado na comunidade coxilha negra, no 1º distrito da cidade de São Lourenço do Sul, e hoje em dia ficou inviável para nós permanecermos morando diretamente na nossa comunidade, visto que inúmeros fatores nos impulsionaram para zona urbana. Mas nós fazemos presente assiduamente nas demandas que envolvem nossa comunidade, pois lá é nosso refúgio, onde recarregamos nossas baterias, porque, quando estamos entre os nossos, somos mais fortes. Isto é, respondemos às perguntas que nos foram feitas: somos quilombolas porque pertencemos a essa comunidade, remanescente dos quilombos, assim como os que nos antecederam. E em relação a estar residindo ou não no quilombo não nos coloca na condição de não ser mais ou menos quilombola-

É de grande sabedoria um companheiro nosso, mestre de capoeira, quando diz; “Um pé de milho vai ser sempre um pé de milho, não importa onde ele for plantado”. Essa frase resume em poucas palavras o que é ser um/a quilombola.

Foi importantíssimo termos compartilhado nossa trajetória, visto que, a partir desse momento, eles se sentiram seguros, se apropriando da fala, e conduziram toda a roda de conversa, em um diálogo aberto

e sincero, onde eles falaram sobre o artesanato que estava exposto, a carência de mais discussão que envolva essa temática, conheceram as imagens nas estampas (Mandela, Zumbi, Dandara, e Angela Davis) e falaram sobre elas de uma forma espontânea.

Enfim, houve um fato que nos chamou a atenção além dos demais, quando eles nos revelaram o orgulho de poder estar diante de duas negras quilombolas, que, apesar de terem passado por tantos empecilhos, nunca desistiram, pois se identificaram conosco por serem pessoas com mais idade correndo atrás do tempo perdido. É notável o quanto é mais difícil de estudar, quando se possui mais idade, dentro do nosso sistema educacional. E apesar das muitas atribuições que temos, não é impossível, e se está sendo possível para nós, provavelmente será para eles também, apesar de todas as adversidades.

E nosso sentimento ao sair de lá é que a luta sempre vale a pena!

### **MENE: Ainda a segunda parte do projeto, instalação**

A última etapa do projeto ocorreu através de uma instalação realizada na 36ª feira do livro de São Lourenço do Sul.

Primeiramente, estarmos ocupando aquele espaço para fazer a instalação de nosso artesanato foi além de uma simples exposição,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pois o que criamos ali foi para além de um espaço de divulgação.

Muitos do que visitaram nossa instalação se mostraram surpresos com o que estavam vendo, afirmando não saber que fazíamos esse trabalho de conscientização também com os artesanatos. Inclusive surgiram várias sugestões sobre coisas que ainda podem ser feitas, além de descobertas para os pequenos, que, ao chegarem para visita da feira do livro, tiveram o olhar direcionado exatamente para o ponto em que estávamos posicionadas: realmente chamávamos a atenção pelos nossos tecidos coloridos, pelas bonecas negras, que podemos considerar uma celebridade, já que o comércio local não atende essa demanda. Recebemos um público bem variado e conseguimos alcançar o nosso propósito,

Tivemos um sentimento de satisfação, pois superou as nossas expectativas!

### **Palavras finais....**

A partir de uma exigência acadêmica, da falta de trabalho e do desejo de lutar por igualdade racial, o Mene é pensado e criado por mulheres, tendo como ponto de partida suas experiências e aprendizagens,

protagonizadas por mulheres de suas famílias durante suas infâncias. A Universidade teve uma função importante durante o processo de criação, pois as artesãs têm o aporte teórico dos Estudos Feministas e da Educação Popular para sistematizarem suas experiências, ações e projetos. (CASTRO & MACHADO, 2016)

Dijamila Ribeiro indaga: “Quem pode falar? O que acontece quando nós falamos? E sobre o que nós podemos falar?” (2018, p.76) E a pergunta de Ribeiro é pertinente, porquanto ainda na atualidade é negado o poder da fala a mulher negra, e, quando raramente aparecem essas oportunidades, as mulheres não só falam, e sim sentem a necessidade de gritar para que todos ouçam o que está entalado (preso) na garganta. Mas com a oportunidade vem a repressão acerca do que falar, visto que são donas das vozes e não da própria fala. Um exemplo vivo disso é a execução da vereadora Marielle Franco<sup>3</sup>, que não quis seguir a cartilha imposta, dando voz a sua própria fala. Rapidamente deram um jeito de silenciá-la: No dia 14 de março, Marielle Franco foi assassinada a tiros junto com Anderson Gomes, seu motorista, quando voltava de um evento com jovens negras na Casa das Pretas<sup>4</sup>, na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> “Marielle Franco foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. 13 Quem mandou matar Marielle mal podia imaginar que ela era semente, e que milhões de Marielles em todo mundo se levantariam no dia seguinte.”  
Fonte:

<https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora> acessado em agosto de 2018.

<sup>4</sup> A Casa das Pretas é um espaço coletivo de mulheres negras na Lapa, no centro do Rio de Janeiro. As palavras de despedida de Marielle na Casa das Pretas foi: "Vamo que vamo, vamo junto ocupar tudo". Fonte:



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Isto posto, sabemos que superamos muitos obstáculos para estarmos trabalhando, estudando e fazendo nossa história. Para nós é gratificante poder ver no olhar das mulheres negras, e também no das não negras, a admiração pelo nosso trabalho. Já tivemos oportunidades de poder expor em diferentes lugares, juntamente com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Hoje, após o fim do projeto MENE, constatamos que nosso principal objetivo foi alcançado através de nosso artesanato militante, que nada mais é do que a conscientização e valorização da nossa cultura afro-brasileira.

Posteriormente à obrigatoriedade da realização do Projeto para aprovação no curso de Licenciatura na Educação do Campo, nosso projeto segue firme e forte. Há a continuidade do projeto, pois ele produz esperança, igualdade e renda. Sigamos em luta através de várias formas, incluindo o artesanato!

### REFERÊNCIAS

BENTO, M.A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In. CARONE & M. A. S. Bento (Orgs.). **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia. **Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43414709> >  
<<http://midianinja.org/news/pelas-vidas-negras-casa-das-pretas-homenageia-marielle-franco-no-rio-de->

DAVIS, Angela. Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” publicado no jornal El País. 2017 a. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503\\_610956.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html)> acesso em abril de 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017b.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

MANDELA, Nelson. **Principais fases de Mandela**. Disponível em <<https://www.nelsonmandela.org>> Acesso em janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Maria Luisa Pereira de. **Modos de subjetivação de mulheres negras**: efeitos da discriminação racial. 2009. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?Nscript=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000200014&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?Nscript=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200014&lng=pt&nrm=isso)> Acesso em janeiro de 2016.

RIBEIRO, Dijamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Maria Nilza da. **A mulher negra: O preço de uma trajetória de sucesso**. (Dissertação de mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo: PUCSP, 1999.

[janeiro/> <http://www.coisademulher.org.br/](http://www.coisademulher.org.br/) >  
acessado em agosto de 2018.